

LEITURA DE POEMAS DO LIVRO *INTERIOR VIA SATÉLITE*, DE MARCOS SISCAR

João Carlos BIELLA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

jocabiella@ileel.ufu.br

Resumo: Leitura crítica de poemas do livro mais recente de Marcos Siscar, publicado em 2010. Destacarei os poemas “Rascunho para um retrato de criança” e “Ciência do interior”. O objetivo da comunicação é demonstrar como o corte, particularmente o *enjambement*, é um eficaz instituto poético na produção de um relevante poeta contemporâneo.

Há, em *Interior via satélite*, textos de um presente ainda em sombras, como potencialidades de uma nova economia de afetos cujo movimento leva-nos ao salto e a queda, recomeço, ou, para dizer como Walter Benjamin, vir-a-ser, declinar-se.

Enjambement ou cavalgamento é sempre definido por sua negatividade: disjunção, oposição, desacordo e contraste. É tido por Agamben como o fundamental instituto poético a mostrar o poema em sua diferença com a prosa, juntamente com a *versura*, o fim do poema, a cesura e a rima. Nos poemas de Siscar, temos a negatividade desse instituto poético nas relações entre ritmo e sentido e entre verso e sintaxe. Agamben talvez acrescentasse, tendo como base os estudos de Benveniste, no contraste entre a série semiótica e a semântica.

O poeta sabe o corte. O que há nos poemas em questão é uma articulação mais coordenada com o desejo de extrair poesia de um prosaísmo já realizado pela tradição; trata-se da consciência do risco lírico, de não conseguir, no mínimo, uma tentativa de voo. Coordenação dos estatutos de corte-salto do poema, ou seja, cesura, *enjambement* e *versura*, em tensão com os efeitos de sentido possíveis.

Palavras-chave: poesia de Marcos Siscar; *Interior via satélite*; cesura; *enjambement*; poesia contemporânea.

Os efeitos da leitura do livro *Interior via satélite* (2010), de Marcos Siscar, são múltiplos. Nada de novidade para os leitores de poesia contemporânea. Entretanto, o recente livro do autor parece, logo após o ato silencioso e solitário do lê-lo, deixar uma boa expectativa do devir. Obra bem realizada: por se fazer, guarda o inacabamento formal na potência do realizar-se.

Marcos Siscar apresenta-se como poeta do presente ao criar uma poética reflexiva, em trânsito e em busca de uma subjetividade perdida entre as ruínas de um presente prosaico, extremamente mediatizado e saturado de memória. A poesia em questão, sempre envoltas em sombras, virtualidade e potência, deseja à categoria do artístico, possui dúvidas quanto ao ato formal, alegrias íntimas com as possibilidades de um ainda imaginado, sonhado, ainda não vivido, experienciado. Trânsito no qual vários tempos apresentam-se; anacronismo e heterotopias, sem finalidades, sem pedagogias próprias aos períodos anteriores ao pós-vanguardismo.

A assunção desse devir está marcada textualmente pela queda, abismo, do constante emprego do *enjambement* e pela urgência de compreender o presente a partir da convivência de tempos plurais. Em *Não de diz* (1999), de Marcos Siscar, há também a figura icariana: “lâmina de aço levada por si mesma a penetrar a cúpula celeste e o silêncio/ medida da própria envergadura rasgando/ [...]”. Em *Interior via satélite* tem-se textos de um presente ainda em sombras, como potencialidades de uma nova economia de afetos cujo movimento leva-nos ao salto e a queda, recomeço, ou, para dizer como Walter Benjamin, vir-a-ser, declinar-se.

Para observar tal movimento de transformação, leiamos o poema “Rascunho para um retrato de criança”:

era um vento soprando (poeira na rua)
cavalos cansados cachorros baldios
a criança na cama de olhos abertos (a vida era um)
cheiro de fumaça no rebojo da manhã
irmãos bulindo mães lavando
paredes caiadas os dias muito longos (privação
de corte) um olhar (ao lado esquerdo da imagem)

vigiando a poeira em suspensão
 o poema ainda não estava ali (ou melhor) faltava-lhe a cesura
 a repetição esfregando a face áspera
 a telescopia de um rosto encardido
 o enjambement inserindo o silêncio e (depois
 de perdido para sempre o *mot juste*) o dê
 ajuste (quem sabe) (SISCAR, 2010, p.71)

No poema de Siscar, como o próprio título afirma, tem-se um rascunho para um retrato de criança. Nele há a representação de uma “criança na cama de olhos abertos”; e dela “um olhar (ao lado esquerdo da imagem) \ vigiando a poeira em suspensão”. Aqui tem-se um movimento de transformação de uma experiência. O menino atento, vigilante, guarda imagens e sensações, escolhendo os sentidos de uma vida ainda singular, una e absoluta.

Masé Lemos, em resenha ao livro *Interior via satélite*, escreve que o termo “interior” do título refere-se ao:

[...] espaço tanto interno quanto geográfico. O interior é retomado como lugar de procedência, do desejo, de onde se fala. Assim se torna possível uma poesia não apenas objetiva, não apenas construtiva, mas que provém também de uma afetividade não confessional, como algo que acaba por interferir, afetar, o próprio raciocínio do poema. (LEMOS, 2010)

De fato, em “Rascunho para um retrato de criança”, há a interioridade como procedência e desejo. É fato também que ela integra uma nova experiência: o valor do corte. No corpo do poema, gradativamente os institutos poéticos, sob forma metalingüística, vão transformando o poema em sua própria morada, movimento, aliás, já notado por Masé Lemos, ao citar a referência à obra de Michel Deguy na poesia de Siscar: “reocupar o espaço em que vivemos”. A resenhista também afirma que a mesma poesia pode ser “concebida não apenas como relação com o mundo, mas como parte dele, como ‘ar que se respira’, ou ainda, como ‘só poeira. Tosse’”.

Assim a poesia é o “signo do sempre recomeço” que abarca justamente a preocupação do corte-salto do *enjambement*. *Enjambement* ou cavalgamento é sempre definido por sua negatividade: disjunção, oposição, desacordo e contraste. É tido por Agamben como o fundamental instituto poético a mostrar o poema em sua diferença com a prosa, juntamente

com a *versura*, o fim do poema, a cesura e a rima. Para o estudioso italiano, *versura* está originariamente ligada à suspensão do arado entre os sulcos da plantação; pode ser interpretada como a suspensão do fim do verso, vinda do corte-salto do *enjambement*, para a meia-volta, retorno que caracteriza a poesia. Cesura também se caracteriza por um desacordo entre o som e o sentido. É o momento do corte, da criação de uma pausa, uma região intervalar.

O poeta sabe a cesura. O que há no poema em questão é uma articulação mais coordenada com o desejo de extrair poesia de um prosaísmo já realizado pela tradição; trata-se da consciência do risco lírico, de não conseguir, no mínimo, uma tentativa de voo. Coordenação dos estatutos de corte-salto do poema, ou seja, cesura, *enjambement* e *versura*, em tensão com os efeitos de sentido possíveis.

Em todos os 14 versos do poema tem-se a primeira cesura mantida. Em alguns, justamente naqueles em que a interpolação de um parêntese interrompe a linha sintática e rítmica, tornando-se um intensificador do *enjambement*, o risco de um novo lirismo está assumido. Com efeito, sabe o silêncio do salto, entretanto, como na música, não sabemos como, mas o desejo de fala-volta (não querendo ser obra absoluta, última) em novas virtualidades se faz. A poesia pensante de Siscar respira a suspensão da poeira no próprio momento da transformação, salto solo incerto, rumo incerto ao retorno ao interior.

Para observarmos melhor a economia de afetos e institutos poéticos percebidos na poesia de Siscar, leiamos o poema que, em *Interior via satélite*, vem após o que lemos:

Ciência do interior

perseguido por beija-flores sanhaços bentevis em rasante. perdulário do
próprio corpo pronto para colonizar o tempo e a linguagem.

até que o joelho quebrou-se de espanto. tocou mil vezes o mesmo solo.
e ciente da quebra converteu-se o verso em promessa.

transformou-se no que lhe falta. no que de quebra lhe sobra. como se
transbordar fosse um modo de vida. a cavalo sobre o corte.

e para isso teria comido terra envelhecido entre feras corrigido o fluxo do tempo com sua estranha ecologia. Ciência de indagar o *oikos* (o interior em se vive) com a lente do telescópio.

em dias de vento as abelhas enxameiam na porta de casa anunciando com seu lustre os segredos da nova estação. (SISCAR, 2010, p.72)

O satélite, lugar do qual partem contemporaneamente as imagens, informações, referências, conhecimento, enfim, é, como sugerido pelo título da obra, o local do qual parte a ótica de visão para a observação do interior geográfico. No poema em questão, a lente do telescópio é a mediação do olhar: trazer para perto o longe, o distante. No caso, o olhar do verso indagador do *oikos*, i.e., da casa.

A casa, espaço da interioridade, é o confim no qual a linguagem e o tempo habitam. Na entrada, em dias de vento, o segredo da nova estação é anunciado pelas abelhas. A polinização garante um novo ciclo natural. A apreensão de um sentido, de algo ainda esperançoso, é tocado pelo corte e pelo salto rumo ao solo. O afeto torna-se o ponto de compreensão e de relação com o mundo. A poesia, então, passa a ser o lugar da possibilidade de estar sempre se definindo em relação a um outro, incontornável encontro.

Talvez o valor dessa busca interminável da poesia de Siscar esteja no esforço de simplicidade; não apenas na edificação de uma casa-construção mas na edificação de uma casa-habitação, casa viva, móvel. Os institutos poéticos lembram a todo momento a transformação do poema em poesia; novo abraço em Proteu, contato e relação. Não à-toa, lê-se em “Provisão poética para dias difíceis”, do livro *O roubo do silêncio* (2006): “[...] Simplicidade é aquilo que se quer. É a górgona do sentido. Desejo de dados já jogados, de versos esten-\ didos com a face para cima. [...]” (SISCAR, 2006, p.66).

Ler a poesia pensante de *Interior via satélite*, de Marcos Siscar, é uma experiência delicada e irritante de tocar os afetos do presente. Ler cada um dos poemas, relê-los, na espera dos próximos textos do autor.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. “O fim do poema”. In: Revista *Cacto n° 1*, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LEMOS, Masé. *O interior via satélite*, de Marcos Siscar. In: www.cronopios.com.br, acessado em 20/11/10.

SISCAR, Marcos. *Interior via satélite*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010

_____. *O roubo do silêncio*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.